



## EDUCAR EM TEMPOS DE ADVERSIDADE

**D**esde sempre, cada grupo social se define pelo tanto que investe na formação de suas novas gerações. O grau, a intensidade e o estilo de investimento variam muito, de acordo com cada época e cultura. Mas refletem concepções de mundo, de infância, de projetos de futuro e explicam a relevância que cada sociedade atribui à figura da escola e do professor.

Muitas vezes, o zelo com as novas gerações se manifesta pelo cuidado em poupar a infância de temas e de informações que, por serem fortes demais, não seriam adequados. Tempos de paz e de circunstâncias ideais eventualmente proporcionam que se instale este ideal – ou será ilusão? – de uma certa assepsia.

A pandemia chegou de forma inesperada. Até pouco tempo atrás, esse tipo de adversidade não fazia parte do

repertório de probabilidades. Dentre muitos outros fatores, o intempestivo da pandemia desfaz qualquer ilusão que famílias e escolas poderiam ainda alimentar acerca do suposto controle sobre o tipo de assunto a que seus filhos e alunos estariam expostos. A ninguém teria ocorrido investir tempo em pensar sobre como seria educar os filhos em meio a um contexto como o atual. Mas o fato é que o desafio de ensinar crianças e adolescentes que crescem em um cenário de renúncias e riscos agora é real. O tema escolhido pelo Andrews para este ano abre essa reflexão. Certamente várias serão as circunstâncias que poderão remeter a como “Fazer das perdas possibilidades de vida”.

De imediato, o agravamento dos índices da pandemia traz impactos diretos e alterações em vidas, no calendário e nas formas de proceder

das escolas. As medidas impactam a todos, mas a cada um de forma muito específica.

Diante da inexistência de uma coordenação mais ampla, o Colégio se vê convocado a assumir sua autonomia, a discernir e a encaminhar formas de agir.

É importante ter consciência de que certas escolhas não serão percebidas da mesma forma por todos e nem terão uma concordância unânime. Há que se confiar na boa fé de cada um.

No que se refere à forma de educar filhos e alunos, o Andrews tem certeza de que, nas atuais circunstâncias, e em meio a tanta vulnerabilidade, o melhor que é possível proporcionar, como representantes do mundo adulto, é um exemplo de resiliência e de confiança no modo de lidar com as adversidades que surgem, inspirando esperança em um futuro melhor.

## MÃOS À HORTA PARA CULTIVAR ALIMENTOS

No último dia 12 de março, as turmas A e B do 1º ano do Horário Estendido participaram da atividade “Mãos à Horta”. Em parceria com a educadora ambiental Marcela Gaspar, as crianças aprenderam a cultivar hortaliças, como alface, hortelã e tomate cereja, e descobriram sobre a importância de ter bons hábitos alimentares.

“Com a ajuda da Marcela, que veio nos orientar, os alunos plantaram as mudas, viram como fazer para regar e colher, e conheceram as características das espécies que serão cultivadas. Agora, eles tornaram-se responsáveis pela horta. Semanalmente, iremos até lá para acompanhar o crescimento, regar, adubar e, quando chegar a hora, colher”, conta Ana Luiza Rihan, professora do 1º ano A. No 1º ano B, a atividade foi conduzida pela Profª Roberta Peçanha.

Depois da colheita, os alunos vão estudar os benefícios daqueles alimentos para a saúde e vão preparar comidas com eles na oficina de Receitas Divertidas. A participação das crianças em todo o processo, desde o plantio até o prato, facilita a motivação para experimentar novos alimentos e descobrir novos sabores.

“As crianças adoraram a brincadeira! Puderam inclusive ver algumas minhocas que são usadas na adubação”, conclui a Profª Ana Luiza.

